

## Os Índios Terena e a Guerra contra o Paraguai (1864-1870)

<sup>1</sup>Vera Lúcia Ferreira Vargas/UCDB/NEPPI/Programa Terena

O presente artigo, com algumas alterações, faz parte do segundo capítulo da dissertação de mestrado intitulada: **A construção do território Terena (1870-1966): uma sociedade entre a imposição e a opção**<sup>1</sup>. Nele evidencia-se a participação dos índios Terena, na Guerra contra o Paraguai (1864-1870) e a sua apropriação dessa participação como uma forma de reivindicarem os territórios que, tradicionalmente, ocupavam antes desse conflito, na região do então sul de Mato Grosso – atualmente Mato Grosso do Sul.

Alfredo d'Escragolle Taunay, um dos principais cronista dessa guerra, afirmou que no distrito de Miranda havia mais de dez aldeias, constatando que os Terena formavam a maior população indígena da região. Suas aldeias estavam localizadas no *Naxedaxe*, a seis léguas da Vila de Miranda, a sete léguas e meia desta mesma vila estava localizada a aldeia de Ipegue, encontravam-se também em Cachoeirinha e a três léguas dessa, no aldeamento denominado *Grande*, além de outras pequenas localidades. E ainda estimou a população Terena entre três a quatro mil índios que viviam espalhados nessas diversas localidades.<sup>2</sup> Muitas das quais foram destruídas pela mencionada guerra, resultando na total desorganização dos povos indígenas, devido à perda de sua autonomia política e econômica.

Em suas obras referentes à Guerra contra o Paraguai, esse cronista destacou a importância que os povos indígenas representaram para o exército brasileiro na luta contra os paraguaios, como soldados e conhecedores da região, tornando-se, assim, ótimos guias, responsáveis pelo abastecimento dos gêneros alimentícios para os soldados brasileiros, tanto nos acampamentos da região, quanto em suas próprias aldeias. Essas também servindo como refúgios para os não índios, como, por exemplo, Pirainha, aldeia Terena próxima a serra de Maracaju. Constituída provavelmente durante esse conflito, e que

---

<sup>1</sup> Professora de História da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Mestre em História do Brasil. Pesquisadora do Programa Terena. [veraterena@terra.com.br](mailto:veraterena@terra.com.br).

abrigou os brasileiros não índios durante a guerra, conforme os registros de Taunay que mencionou a chegada de parte do exército brasileiro em uma das aldeias Terena, demonstrando a relação que havia entre o exército brasileiro e esses índios, afirmando que:

Na realidade numa volta além, achava-se a aldêa, cujos ruidos cada vez mais intensos, denunciavam a vida e a animação do trabalho. (...) Significava o final de todos os nossos sofrimentos! Alegrava-nos o espirito e o corpo, abrindo largos horizontes ao nosso direito de compensações, após tão longos dias de tamanho penar e tamanhas privações... (...) Foi a reacção estrepitosa [dos índios]. Explicamos a razão de nossa chegada, e quasi andando aos braços, no meio daquela boa gente [os Terena], fomos a ter á casa do capitão José Pedro, que nos acolheu, não como um chefe de índios [Terena] mais como um filho da civilização. (...) Passou-se a noite em narrar a José Pedro os factos que haviam precedido a guerra com o Paraguay e os nossos triumphos do sul que muito o enthusiasmaram. Falou-nos, com verdadeiro respeito do Imperador e de suas altas attribuições. Mostrou-se reconhecido á benevolência, que o monarca brasileiro nutria pelos índios. Narrou-nos, com cores vivas, a invasão em suas diversas phases. Elogiou o comportamento de vários individuos de sua tribu (...) deu-nos provas de intelligencia clara e capaz de desenvolvimento. Sabia ler e escrever este capitão; (...) organizara uma escola de meninos, em que figuravam os seus dous filhos e sempre se mostrara affeçoado aos brasileiros, a elles se achegando nas horas de infortunio.<sup>3</sup>

Os índios Terena foram incorporados à Guarda Nacional, assim como os demais índios. No entanto, eram eles, os Terena que compunham o maior número com 216, Kinikináo, 39 e Laiana, 20, que habitavam as aldeias próximas a margem do rio Aquidauana.<sup>4</sup> Na liderança desses índios, encontrava-se José Pedro, *capitão* dos Terena título concedido a ele pelo Frei Mariano de Bagnaia, e confirmado oficialmente pelo Império brasileiro em 1867, devido ao respeito e obediência que os indígenas tinham com ele, *um filho da civilização*, qualidade que também pode ser atribuída como reflexo da educação recebida do Frei Mariano de Bagnaia, na aldeia dos Kinikináo em Bom Conselho.

Destaca-se ainda que segundo as afirmações de Taunay: *estes índios mostram a melhor disposição, offerecendo-se com espontaneidade e servindo com toda a dedicação, como verificamos nos nossos ultimos reconhecimentos*. No entanto, esta disposição em servir à Guarda Nacional, neste contexto, consistia também em resolver uma outra preocupação desses índios, que era as ameaças a que estavam sendo submetidos por parte dos fazendeiros, devido às *rezes que eles são obrigados a matar para a sua alimentação, tem incultido temor de que as forças virão escravisal-os e tratal-os com todo o*

*rigor da guerra.*<sup>5</sup> Esta ação dos Terena em entrar para a Guarda Nacional era uma escolha dos próprios índios, como uma possível solução para os problemas entre eles e os fazendeiros; além de representar a defesa dos territórios que tradicionalmente ocupavam antes desse conflito.

A contribuição desses índios estava além de sua presença física: eram eles também os responsáveis pelas informações que chegavam até o exército brasileiro. Sua habilidade em reconhecer localidades e de espionar foi preciosa para o sucesso desse exército contra os paraguaios. Contudo, os índios não eram armados, não tinham adquirido o direito de possuírem armas como os demais soldados brasileiros. Não concordando com esta situação, passaram a reivindicar armas às autoridades, o que não estava nos planos destas, uma vez que havia um certo temor em conceder armas aos indígenas, com receio que esses se rebelassem contra o exército brasileiro. Entre tanto essa situação não foi aceita pelos povos indígenas:

A quantidade de índios de raça Chané (terenas, laianas, kinikinaus e chaeronós ou guanás) guaicurus e até cadiuéus e beakiéus que são, contudo, perfidos aliados, mal vistos dos brancos, era considerável, todos a pedirem, em altos brandos, armas e munições de que estava repleto o depósito de artigos bélicos, para correrem a preparar as tocalas.<sup>6</sup>

A atitude descrita evidencia o comportamento dos povos indígenas frente às imposições vividas naquele contexto, haja vista a atitude do índio Kinikináo Pacalalá, também descrita por Taunay<sup>7</sup>, quando este índio, juntamente com outros, foi até a Vila de Miranda, em busca de armas para se defenderem dos paraguaios. As autoridades negaram-se a lhes entregar; no entanto, os índios Terena, Kinikináo, Laiana, apossaram-se do arsenal de armas daquela vila, logo após esta ter sido abandonada pelos não índios, que fugiram para a Serra de Maracaju, a fim de escapar dos paraguaios.

Nesse local, índios e não índios encontraram-se e passaram a ter uma longa convivência. Nessa situação, os índios foram os grandes responsáveis pela sobrevivência de todos, pois como conhecedores da região evitavam os paraguaios e também, como

povos agricultores, eram responsáveis pelos alimentos, conforme evidencia uma passagem descrita por Taunay<sup>8</sup> quando parte dos soldados do exército chegam à aldeia Naxe Daxe e recebem arroz, milho e mandioca, bem como mel e rapadura como presentes.

Desta forma, é possível evidenciar a importância que os índios tiveram no período da guerra: uma vez que estiveram presentes lutando contra os paraguaios, abastecendo o exército com alimentos e informações. Todavia, sua participação nessa guerra e todos os seus feitos não foram suficientes para lhes garantir um de seus bens mais preciosos, a posse dos antigos territórios que tradicionalmente ocupavam antes desse conflito, na região do então sul de Mato Grosso.

O fim da Guerra contra o Paraguai representou, para os Terena, o começo de uma outra batalha pela sua sobrevivência, pois, além de muitos índios terem sido dizimados, muitos outros, ficaram doentes e miseráveis. Como se isto não bastasse, não possuíam mais a posse sobre os antigos territórios que ocupavam, tomados agora pelas fazendas que se proliferavam pela região indicando assim a sua *desterritorialização*.

Rohde, alemão que durante os anos de 1883-84 foi responsável por uma missão científica realizada pelo Museu de Berlim na região de Mato Grosso, também evidenciou em seus escritos a importância que os índios Terena tiveram durante o conflito platino; segundo suas informações os Terena, prestaram bons serviços para o exército brasileiro e como recompensa desse trabalho, alguns caciques receberam patentes como alferes.

(...) Na guerra do Paraguai ofereceram aos brasileiros bons serviços e, em consequência disso, alguns caciques do Brasil receberam patentes como alferes, que me mostraram com muito orgulho e me pediram para lhes ler. (...) Cada aldeia tem um comandante (sub-chefe) e sobre a tribo toda está um cacique, que recebeu da nação brasileira uma patente de *capitão*. Este chefe de todos os Terenos recebeu-me amigavelmente, mostrou-me imediatamente a sua patente depois a fotografia do imperador D Pedro II, que ele chamou de seu amigo.<sup>9</sup>

Essa também foi uma tentativa de desarticulação da sociedade indígena. A política utilizada pelo governo brasileiro para envolver os índios, segundo seus interesses, era evidente. Transformar o cacique, chefe indígena, em *capitão* representava a desestruturação de sua organização social, pelo menos esta pode-se dizer que era uma das

intenções do governo. Mas, por outro lado, definir o imperador D. Pedro II como *amigo*, pode-se dizer também que era uma forma dos índios se igualarem aos brasileiros – não índios – apropriando-se desse direito de *igualdade* que a sua participação na Guerra contra o Paraguai iria lhes proporcionar; e, era revestido desse direito que eles, os Terena, lutariam pela posse de seus antigos territórios.

Para Altenfelder Silva (1949), os Terena, logo após o fim da guerra, encontravam-se nas seguintes localidades:

Pouco após a campanha do Paraguai, habitavam os Terena, segundo êles próprios informam, as seguintes aldeias: *Ipegue* (em área compreendida entre as atuais aldeias de Ipegue e Bananal); *Imokovookoti* (nas imediações da atual aldeia de Cachoeirinha); *Tuminiku* (nas proximidades da atual aldeia de Bananal); *Coxi* (próxima ao córrego de Taquarí); *Naxe-Daxe* (nas proximidades do córrego do mesmo nome); *Háokoé* (nome Terena para a fruta do pindó; situava-se a aldeia a uma légua de *Tuminiku*); *Moreira* e *Akuleá* (ambas nas proximidades de Miranda); *Kamakuê* (próxima à atual aldeia de Duque Estrada); *Brejão* (próxima a Nioaque); *Limão Verde* (próxima a Aquidauana); *Cerradinho* (na área do atual Município de Campo Grande). Nessa época estimavam-se os Terena entre 3 e 4 mil.<sup>10</sup> (destaque no original)

Os antigos territórios que os Terena ocupavam, na região de Miranda foram invadidos e muitos foram totalmente perdidos para a posse de particulares, sendo esta a situação da aldeia de Naxe Daxe, uma das mais antigas segundo os registros de Taunay. Estabelecendo-se, como foi dito anteriormente, uma situação de *desterritorialização* para esse povo. Muitos dos índios quando retornaram para esses territórios, não mais os encontraram, devido à implantação das fazendas. Assim, estes voltaram para os lugares que habitaram durante o período da guerra, e que formam atualmente as aldeias de Brejão, em Nioaque; Limão Verde, em Aquidauana e Cerradinho (Buriti), na região de Dois irmãos do Buriti. Lá possuíam lavouras formadas e algumas criações de animais, que também já se encontravam em processo semelhante aos das demais localidades da região: os fazendeiros, ou seja, os novos proprietários não mais os queriam por perto. Os *amigos* que foram durante a guerra deixaram de existir e tornaram-se os *empecilhos* para a concretização da política indigenista brasileira.

A situação das terras que os Terena ocupavam foi denunciada por eles mesmos, para o Diretor Geral dos Índios: Antônio Luis Brandão em 1871, de acordo com a correspondência deste diretor, emitida para o Presidente de Província Francisco José Cardoso Júnior neste mesmo ano:

A cerca do índio da tribo Terena, de nome José Caetano, de quem trata o officio de VEx<sup>a</sup>. Do corrente, cujo recebimento tenho a honra de accusar, o que sei e posso informar a VEX<sup>a</sup> é que o dito índio com mais alguns da sua tribo, em numero de 17, procurou-me para representar que era filho do fallecido Pedro Tavares, capitão da aldeia do Ipegue, no districto de Miranda, e seo substituto, que por ocasião da invasão paraguaya não só a sua tribo, como todas as outras, e mais habitantes do districto abandonarão os seus lares e retirarão-se para os montes e bosques, onde permanecem por 6 annos; que ultimamente, voltando os moradores a reocuparem os seus domicílios, elles Terenas encontrarão a sua aldeia do Ipegue occupada por Simplicio Tavares, por Antonio Maria Piche, o qual lhes obsta a repovoarem e lavrarem suas antigas terras e de seus antepassados; pelo que vinhão pedir providencias para não serem esbulhados de suas propriedades das quais não podião desprender-se um outro índio da mesma tribo de nome Victorino, que farda-se como Alferes, e pertence a aldêa da Nachedache, distante da Ipegue uma legoa, fez-me igual reclamão.<sup>11</sup>

É após a guerra que se intensificou a formação e o desenvolvimento das fazendas na região e a construção das cercas que separavam e demarcavam as recém-criadas propriedades particulares. O que eram terras indígenas tornavam-se propriedades particulares, constituindo-se os índios Terena a sua principal mão-de-obra, utilizada para a manutenção e desenvolvimento das mesmas, inserindo-os, assim, na economia regional. Esta situação não foi aceita por eles que reivindicaram, junto ao governo brasileiro, o direito de permanecer nos antigos territórios que ocupavam antes dessa guerra, conforme citação acima.

Essas reivindicações foram motivadas em função de sua participação ativa no conflito ao lado dos brasileiros, defendendo os territórios que ocupavam, bem como os interesses do governo, acreditando que esta razão lhes conferiria e garantiria o seu direito sobre essas terras. A partir deste princípio, os índios Terena passaram a reivindicar, do governo brasileiro, a posse sobre esses mesmos territórios. Os títulos de *capitão* concedidos durante esse conflito para *agradar* esses índios, passaram a ter um outro significado, ou melhor, os Terena deram um ressignificado para esse título, porque, revestidos dele, exigiam a posse sobre os seus antigos territórios. Por isso, a preocupação do governo brasileiro em retomar a política de aldeamento naquela região, que fora interrompida pelo

conflito platino, pois de um lado tinham os Terena reivindicando a legalização de seus territórios e de outro os fazendeiros também reivindicando as mesmas terras para si.

No final do século XIX, os índios Kadiwéu receberam, aproximadamente, trezentos e setenta mil hectares de terras na região do Nabileque/Bodoquena, sob forma de concessão do governo mato-grossense. Reanimados por essa conquista indígena, os Terena pressionavam mais intensamente as autoridades brasileiras para a demarcação de seus territórios, apropriando-se da própria condição de *capitão*, dada para alguns chefes indígenas Terena e reafirmando, assim, as suas lutas:

(...) que seguindo a antiga pratica dos meus antecessores, pasei titulo ao indio Joaquim Victorino de Capitão da tribu terena aque pertence sem que este titulo lhe de direito ao pedido de fardamento completo que fiz e nem a cousa alguma. É verdade que se tem fornecido à alguns nas mesmas circunstancias, e com o fim simplesmente de agradá-los, algumas peças de fardamento do mesmo modo que se lhes fornecem roupas e ferramentas como brindes.<sup>12</sup>

No entanto, essa prática adotada pelos Presidentes de Província, como forma de agradá-los, passou a ser distribuídas para os Terena, durante a Guerra contra o Paraguai. E teve efeito contrário daquele pontuado no documento; ou seja, por meio desses *agrados*, os índios Terena, pode-se dizer, sentiram-se privilegiados e na condição de ressignificarem os laços construídos com o Presidente de Província. Esses símbolos do poder da insígnia e da farda, transvestiram-se na positividade da posição de *dóceis* e *mansos* como eram conhecidos. O título e a farda eram as *provas* que os diferenciavam das outras etnias indígenas e os colocavam em igualdade com os brancos. Tanto é verdade que, para fazer suas reivindicações junto ao Diretor dos Índios, relatavam a situação da invasão de suas terras e da desorganização destas, em função da referida guerra.

No encontro com o poder, esses índios iam revestidos dos direitos de *capitão* e vestidos como alferes, conotando uma reunião de autoridades. O índio Terena a que o documento a cima se refere, Joaquim Victorino, e que habitava a aldeia de Naxe Daxe, na região de Miranda, tornou-se conhecido como *Capitão* Vitorino, quando da perda das terras dessa aldeia para a constituição de fazendas naquela região. Este se transferiu junto com

demais Terena para a região de Nioaque, constituindo muito tempo depois a Reserva Indígena de Brejão (Capitão Vitorino).

Os documentos consultados da Diretoria Geral dos Índios<sup>13</sup> evidenciaram que a maioria dos índios Terena concentrou-se nas proximidades dos rios Miranda e do Aquidauana, onde permaneceram suas principais aldeias, razões por referir-se a esta localidade como sendo os seus territórios tradicionais, que cada dia mais estavam (continuam) comprimidas em pequenas quantidades de terras, tornando-se, logicamente, também, muitas delas, desaparecidas. Por estas mesmas razões, os próprios Terena preocuparam-se em se estender pela região, garantindo a posse de territórios em outras localidades, diferentes dessas citadas.

Assim era a situação dos índios Terena que reivindicaram as terras que, eram ocupadas por eles, antes da guerra, assim como aquelas onde eles se estabeleceram durante e após essa mesma guerra, que são: as aldeias de Buriti, atualmente em Sidrolândia e Dois irmãos do Buriti; Brejão, na região de Nioaque e Limão Verde na região de Aquidauana, como já foi mencionado anteriormente. Somente em 1905, início do século XX, é que a aldeia de Cachoeirinha foi legalizada como Reserva Indígena, as demais aldeias só muitos anos depois dessa data, passaram a ter esta condição. Isto, sem dúvida, deve-se a vários fatores, mas principalmente aos próprios Terena e as suas ações.

---

<sup>1</sup> VARGAS, V. L. F.. *A construção do Território Terena (1870-1966): uma sociedade entre a imposição e opção*. 2003. 160 p. Dissertação (Mestrado em História) UFMS, Dourados.

<sup>2</sup> TAUNAY, V. de. *Entre os nossos índios*. São Paulo : Companhia Melhoramentos, 1931, p. 19-20.

<sup>3</sup> Id., *ibid.*, p. 12-13

<sup>4</sup> TAUNAY, V. de. *Campanha de Matto Grosso*. 2 ed. São Paulo : Livraria do Globo, Irmãos Marrano, 1923.

<sup>5</sup> Id., *ibid.*, p. 205-6

<sup>6</sup> TAUNAY, V. de. *op. cit.* p. 187.

<sup>7</sup> Id., *ibid.*

<sup>8</sup> TAUNAY, V. de. *Op. cit.* p. 14

<sup>9</sup> ROHDE, Richar. Algumas notícias sobre a tribo indígena dos Terenos. *Terra Indígena*, UNESP, Araraquara, n. 55, p. 20-39, abr./jun. 1990.

<sup>10</sup> ALTENFELDER SILVA, Fernando. Mudança cultural dos Terena. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. III, p. 281, 1949.

<sup>11</sup> Arquivo Público de Mato Grosso, livro 191, p. (79v-80).

<sup>12</sup> Lata 1886-C, doc. Avulso, APMT - Arquivo Publico de Mato Grosso.

<sup>13</sup> Livro de Registros da Diretoria Geral dos Índios, 1848-1860, n. 101, APMT. Livro de Registros da Diretoria Geral dos Índios, 1860-1873, n. 191, APMT. Arquivo Público de Mato Grosso.